

FICHA 2 – Missão descolonial

A carta do Conselho Geral sobre a missão insiste na necessidade de recolocar a missão no centro da vida do Instituto. Isso significa também abordar o tema da superação da “colonialidade”, ou seja, daquela condição do mundo moderno construído sobre hierarquias raciais, econômicas e culturais criadas na época colonial e ainda hoje vigentes. São Daniel Comboni antecipou esse pensamento crítico: no século em que o colonialismo europeu acreditava levar a “civilização” à África, Comboni dedicava-se à regeneração da África com a África, para construir juntos a civilização do amor.

A missão cristã moderna surge apenas no século XVI, no contexto da expansão colonial europeia de invasão, apropriação e depredação dos territórios do Novo Mundo e de suas populações. A busca frenética pelo ouro era acompanhada pelo trabalho incansável de sujeição e conversão dos nativos, mão de obra necessária nos engenhos de açúcar e nas minas. Embora tenham existido vozes importantes na Igreja da época que denunciaram, juntamente com os povos originários da América, as brutalidades dos conquistadores, na maioria dos casos, a cumplicidade orgânica era indiscutivelmente normativa.

Ainda hoje, apesar de o aspecto político-territorial do colonialismo ser coisa do passado, as dinâmicas coloniais permanecem dominantes: por exemplo, as de uma economia extrativista e predatória, ou as de uma invasão cultural com o predomínio dos saberes ocidentais em detrimento dos saberes indígenas, locais ou não ocidentais. O passado colonial continua a influenciar as sociedades atuais, nas instituições, nos sistemas educacionais, nos meios de comunicação social, na língua e até mesmo nas formas de pensar. A profunda crise global dos nossos dias – simultaneamente geopolítica, climática, econômica, alimentar e migratória, que está pondo em risco a vida no planeta – não é senão fruto desse sistema colonial dominante.

O Concílio Vaticano II inaugurou assim uma transição entre o exercício de uma missão pretensiosa e triunfante da cristandade e o início de um processo descolonizador da própria missão. Desde o decreto *Ad gentes* (1965) até a exortação apostólica *Evangelii gaudium* (2013), uma profunda redefinição da missão ganhou força, abordando suas dimensões teológica, eclesiológica, pastoral e antropológica. Quando esta última faz da missão o paradigma da vida e da pastoral da Igreja, utiliza a metáfora da “Igreja em saída”, indicando um deslocamento fundamental e subversivo, uma saída de si mesma, um desapego para perceber e questionar a realidade do mundo a partir da perspectiva dos pobres e dos outros. Trata-se de um movimento de descentramento, de recolocação nas periferias, mas também de uma saída da mentalidade de dominação, do complexo de superioridade cultural, dos privilégios que são fruto de estruturas injustas e desumanizantes. A missão pensada numa perspectiva descolonial alimenta o propósito de denúncia e de luta contra toda exclusão (poder), exclusivismo (saber) e exclusividade (ser), na construção de novas relações de participação, de aprendizagem e de reconhecimento da alteridade. Tudo isso conduz a um estilo de missão caracterizado pela dinâmica da saída, uma itinerância pobre e aberta ao encontro, que se deixa definir pelo que vem de fora (em vez da autorreferencialidade). Trata-se de chegar como “estrangeiros”, pedindo hospitalidade (em vez de impor o próprio mundo, ao estilo colonial), reconhecendo e acompanhando a obra do Espírito.

Tudo isso exige uma profunda autoconsciência e reflexão sobre a prática missionária, para um discernimento voltado a promover uma missão descolonial. Para facilitar essa tarefa, disponibilizamos três aprofundamentos. Em primeiro lugar, contribuições de caráter histórico sobre a experiência de Comboni (**Giampaolo Romanato**). Comboni, filho do seu tempo, marcado pelo binômio evangelização e “civilização”, viveu uma espécie de conversão nos seus últimos anos, no contexto do encontro com as populações dos montes Nuba. Percebeu que a diversidade de costumes e de tecnologia não significava “atraso”; pelo contrário, ficou admirado com a integridade moral e cultural desses povos, como vemos em alguns dos seus escritos entre 1877 e 1879. Em segundo lugar, a reflexão de **Stefano Raschietti**, a partir do contexto da América Latina, ajuda-nos a compreender o percurso eclesial rumo a uma missão descolonial. Por fim, **Antoine Pooda** auxilia-nos a aprofundar a reflexão sobre a superação da colonialidade no contexto africano e o papel crucial da Igreja nesse processo.

Dia comunitário – O nosso estilo de missão

Depois de reservar um tempo para a leitura e reflexão pessoal sobre os três breves ensaios relacionados com esta temática, a comunidade dedica um dia à reflexão, partilha e discernimento comunitário. Para tal, propõe-se o seguinte esquema: reflexão pessoal, partilha e discernimento comunitário, celebração.

Ao centro da reflexão pessoal (1 hora)

Os aprofundamentos oferecidos pelo programa de FP sobre esta temática abordaram diversos aspectos da missão comboniana em relação a um estilo descolonial de missão. Cada membro da comunidade é convidado a recordar a sua **experiência missionária** que mais se distanciou do próprio protagonismo e dos pressupostos culturais, para dar espaço à participação, ao tornar-se o outro, ao habitar as fronteiras: reserve um tempo para revivê-la através de um olhar contemplativo, procurando discernir a presença do Senhor no desenrolar da história. Depois, num clima de oração, reflita: = De que modo os estímulos propostos pelas contribuições escritas – ou por outros aprofundamentos pessoais – fazem reviver a sua experiência?

- poderiam ser as referências a partir da experiência de Comboni nos montes Nuba...
- ou talvez sobre a superação da colonialidade em África...
- ou ainda sobre os modelos de missão descolonial...

= O que é que o Espírito te sugere, tendo em conta esta nova consciência, sobre o estilo de missão da tua comunidade hoje?

O discernimento comunitário¹

= Invocação ao Espírito Santo

= Pergunta generativa: *A partir da reflexão em oração sobre a tua experiência missionária, o que é que o Espírito te sugere sobre o estilo de missão da nossa comunidade?*

= Silêncio

= Primeira rodada de partilha: (30 minutos)

- Cada um oferece a sua resposta à pergunta considerada (máximo 2–3 minutos)
- Não há comentários nem reações, apenas escuta atenta
- Um momento de silêncio entre a partilha de uma pessoa e a seguinte
- Pode ser útil anotar o que mais chama a atenção durante as partilhas

= Segunda rodada de partilha: (30 minutos)

- *O que ouviste ou percebeste dos outros no teu grupo? O que o Espírito te move a partilhar do que ouviste?*
- Não se trata mais do que pensas, mas do que ouviste dos outros membros do grupo
- Não há comentários nem reações, apenas escuta atenta

= Terceira rodada de partilha: (30 minutos)

- *Que estilo missionário, em linha com o carisma comboniano, o Senhor nos pede hoje como comunidade? O que o Espírito nos diz como grupo?*
- Ao final da partilha, em diálogo, a comunidade procura definir uma ou mais ações a colocar em prática, em resposta aos apelos do Espírito
- Um secretário regista o que o grupo, em conjunto, decide como 1–2–3 pontos-chave
- Verificação do consenso: reconhecemo-nos, como comunidade, nestes pontos-chave a pôr em prática?
- Quando o grupo terminar, um voluntário encerra a conversa com uma oração de agradecimento

A celebração

A comunidade dá graças na Eucaristia, preparando-a com uma animação *ad hoc*.

¹ Instruções para comunidades de até 5-6 membros. No caso de comunidades maiores, este exercício pode ser realizado em pequenos grupos. Nesses casos, ao final da terceira rodada de partilhas, haverá um momento para compartilhar os resultados dos trabalhos em grupo.